

**Ano XX nº 5831 – 13 junho de 2018**

## **Caixa está sendo preparada para privatização**

O ex-ministro da Fazenda e pré-candidato ao Palácio do Planalto Henrique Meirelles (MDB) afirmou na última semana que a Caixa Econômica Federal está sendo preparada para passar por um processo de abertura de capital e venda de parte da empresa para a participação privada, modelo que também defende para a Petrobras e o Banco do Brasil.

Alguns candidatos à presidência como Alckmin (PSDB), Bolsonaro (PSC), Meirelles (MDB), João Amoêdo (Novo), Flávio Rocha (PRB) estão mostrando ao que vieram: querem destruir todo o patrimônio público do Brasil, que é a continuidade do que está ocorrendo com o atual governo.

Os bancários precisam estar alertas, porque as diferenças do cenário eleitoral estão dadas. Se entendemos que os bancos e empresas públicas são fundamentais para o desenvolvimento do país, os projetos desses candidatos não cabem ao povo brasileiro. O compromisso do Meirelles e desses outros é com o capital financeiro privado e não com o bem estar da sociedade brasileira.



## **Foco agora é mobilização**

A pauta de reivindicações dos bancários será entregue à Fenaban (Federação Nacional dos Bancos), hoje 13/06, às 12h, em São Paulo. Depois, a categoria aguarda o agendamento da primeira negociação.

O movimento sindical está empenhado por uma campanha salarial vitoriosa. Mas, para isso, depende da participação da categoria em todas as etapas do processo. O slogan fala por si só “Todos por Tudo – Resistir e Vencer”.

Este ano, primeira campanha após a aprovação da reforma trabalhista, a categoria luta em defesa dos empregos, com a proibição das demissões em massa, além da manutenção da mesa única de negociações entre bancos públicos e privados e continuidade das homologações realizadas pelos sindicatos. A minuta ainda contempla a defesa dos bancos públicos, reajuste para repor a inflação mais 5% de aumento real e cláusula que prevê que as novas modalidades de jornada e contratações da lei trabalhista só poderão ser realizadas por meio de negociação com o Comando Nacional dos Bancários.

Segundo a pesquisa feita com a categoria, para 73% dos bancários a reforma trabalhista foi péssima para o trabalhador. Diante das novas regras e do fim da ultratividade, a mobilização é decisiva.

## **Salário mínimo vai encolher ainda mais em 2019**

Mais um ataque do golpismo neoliberal aos interesses populares se confirmou na última semana. A estimativa do salário mínimo para 2019, que tinha sido previsto para ficar em R\$ 1.002,00, foi reduzido em R\$ 4,00 e assim despenca para R\$ 998,00.

Ilegítimo, o governo Temer alega que a redução do valor estipulado em abril se deu por conta das altas taxas na inflação, que subiu 0,60%, com impacto mais drástico sobre as famílias de baixa renda, segundo pesquisa da FGV (Fundação Getúlio Vargas). Outra justificativa é o pífio crescimento de somente 1% do Produto Interno Bruto, cujas taxas dos dois últimos anos incidem sobre a estimativa do salário mínimo. No entanto, a imprensa que apoia o golpe comemora, a fim de enganar a população, escondendo inclusive o fato de que em 2016, ano do impeachment, o PIB foi de 2,5%.

Os valores estipulados, antes e depois do rebaixamento, estão bem abaixo dos previstos pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), de R\$ 3.696,95, para atender as necessidades de uma família com quatro pessoas.

## **No Brasil, juros altos, desemprego e inadimplência**

O Brasil encerrou maio com 63,29 milhões de pessoas inadimplentes, crescimento de 2,78% em relação ao mesmo mês de 2017. Os dados do SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) e da CNDL (Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas) mostram que o Sudeste teve a maior taxa, com 8,7%.

Ao contrário do que os economistas apontam como fim da recessão, os dados desmentem essa informação que tentam aplacar a austeridade econômica do governo Temer. São mais de 91 milhões de pessoas em trabalhos informais, que atualmente ganham até 10% menos do que há quatro anos, segundo o IBGE. Um mercado de trabalho desaquecido e mais de 13 milhões de desempregados.

Além de não poder comprar, o brasileiro não consegue pagar o que deve, sobretudo nos cartões de crédito ou cheque especial que têm taxas de juros altíssimas ao ano, chegando a uma média de 322,98%, dados da Associação Nacional dos Executivos de Finanças.